



Uma poética da reticência

Ouvido no café da livraria, de Cláudio Neves

Érico Nogueira*

O Machado de Assis resenhista ou – vá lá – crítico literário censurou mais de um romance do Eça; bem ao estilo “Faça o que digo, mas não faça o que faço”, porém aconselhava ao resenhista ou crítico que se ocupasse apenas do que o houvesse cativado, a fim de evitar juízos injustos e apreciações recendentes a mesquinharia. Li isso faz tempo – e desde então pus o conselho em prática.

É, pois, com grande alegria que resenho o mais novo livro de Cláudio Neves, poeta que tanto me cativa. Desde o díptico *De sombras e vilas* (2008) e *Os acasos persistentes* (2009), com que Cláudio debutou, passando por *Isto a que falta um nome* (2011), até chegar a este *Ouvido no café da livraria* (2016), o que mais me prende a atenção e me convence e me seduz é um movimento constante, não sei se consciente ou não (mas isso pouco importa), rumo a uma espécie de síntese das duas faces ou tendências principais de sua poesia – quais sejam, a memorialística e a reflexiva. Com efeito, se nos livros anteriores os poemas, digamos, “memorialísticos” se distinguiam dos “reflexivos” por preferirem um verso mais curto e mais solto, contra a cadência preponderante, mas não exclusivamente decassilábica desses últimos, neste as coisas não são bem assim, e a

* Poeta e professor de Língua e Literatura Latinas na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

elocução da primeira e mais extensa parte, que é francamente memorialística, pouco difere da segunda e menor, que é abertamente reflexiva. Explico-me.

Ora, a despeito do enredo concentrado e fragmentário e mínimo (mas ainda assim enredo) que integra cada um dos vinte e oito poemas da primeira parte – supostas transcrições do que se ouviu numa livraria –, contra a desbragada e mais ou menos camoniana abstração dos sete sonetos da segunda – que na ficção do livro foram escritos fora de lá –, tanto nesta há um enredo latente, embora muito mais nebuloso e difícil de apreender, como naquela primeira os poemas, se não são sonetos, são decerto fragmentos de sonetos, nos quais a reflexão se depreende e se deduz dos fatos narrados – é, pois, *efeito* da narração. E o que une ambas num todo coeso, ou quanto possível coeso, é o famoso tropo ou figura da aposiopese, que Cláudio renova, atualiza e transforma em seu mesmo emblema ou marca ou grife literária – de maneira que é ler uma e concluir, certo: “Isto é Cláudio Neves”. O que não é pouco, o leitor há de convir.

Não, não: “aposiopese” não é nome de doença, não: é, sim, a figura retórica da *reticência* (com ou sem os famosos três pontinhos...), mediante a qual o orador interrompe o que ia dizendo, mas ainda assim o diz via sugestão, sem o afirmar. A explicação parece complicada – mas basta um par de poemas para o leitor compreender. Um da primeira parte (“Aquele”):

...era quem quase, o que por pouco, aquele
que se sentava ao lado da, que nunca
soubemos se ou na verdade, sempre
muito bom com, tinha acabado de,

casado há vinte, alguns diziam que,
quem vai saber? que cada um tem seu...
A caixa toda de, isso não sei,
ainda levaram, sim, de tarja preta,
parece que, ou pelo menos dizem,
vai todo mundo, não sei a capela,
dez da manhã, no São João Batista.

(p. 23)

E outro da segunda (“Epílogo”):

Dizer de tudo fica um pouco é dizer nada
e igual dizer que ficam as palavras
ou que a memória o combustível deste
(embora frio) incêndio em nossa carne.

Dizer não serve e entanto é inevitável
como lavar as mãos de volta de um enterro,
dizer é confirmar que não se pôde,
que foi um erro, mas que talvez outro

outro haverá, porém, que esta confessa
(mas não um outro: um eu que jamais cessa)
ruína habite como se, sinta em seu dentro

o aqui eterno, onde ao vento de uma ideia
se agita (embora não transborde em gesto)
a inelutável sensação de Queda.

(p. 95)

Trata-se, respectivamente, do primeiro e do último poema do livro – isto é, o que dá o tom, o que põe as cartas na mesa, o que abre caminho, e o que cala, enfim, o que recolhe o baralho, o que fecha a porta. De modo que, se assim é, o que temos aqui é precisamente um livro sobre a reticência, composto na e pela reticência – pois, com ou sem sinal que a patenteie, a reticência informa *todos* os sintagmas do poema exordial, e é o próprio núcleo da estrutura silogística do epilogo. Mas vejamos isso mais de perto.

Primeiro, “Aquele”. Como já tive ocasião de observar no prefácio de *Isto a que falta um nome*, é preciso notar, antes de mais, o andamento rítmico que Cláudio imprime a muita poesia sua, o qual, partindo do decassílabo e sua acentuação tradicional (os famosos sáficos e heroicos, leitor), 1) ou bem suprime ou acrescenta uma sílaba ou duas, 2) ou bem altera essa acentuação, 3) ou bem preserva acentuação e número de sílabas, mas varia o ritmo precisamente, mediante a aposiopese, que entrecorta e segmenta o *continuum* rítmico e confere nova e vigorosa agilidade aos poemas – e este é justamente o caso de “Aquele”. De fato, com exceção do penúltimo verso, cujo terceiro acento cai na sétima sílaba, exatamente na palavra “sei”, todos os outros se acentuam na quarta, oitava e décima, pelo menos, a que um e outro acrescentam também a sexta. Acentuação tradicional, portanto – que se moderniza e dinamiza, como dissemos, porque aí todos os sintagmas são reticências, o que dá ao todo uma velocidade bem moderna, é preciso dizer. Isso, quanto à forma. Já no que toca ao fundo, vemos que o homem de quem se fala – o “aquele” do título – é maravilhosamente sugerido, mas não nomeado, fica impalpável e fugidio e por isso mesmo *poético*, interessante... – novo efeito da aposiopese, recurso que confirma o famoso dito de Mallarmé, de que poesia é antes sugestão, não nomeação de seu

objeto. E aqui vemos como a suposta transcrição de uma conversa banal, cotidiana, corriqueira, sobre aquele que se suicidou e vai ser enterrado – procedimento “memorialístico” – termina em aguda reflexão sobre a onipresença da morte e a banalidade da existência: ou, dito de outro modo, como as duas facetas da poesia de Cláudio aqui se amalgamam numa coisa só.

Quanto ao poema epilodal – comecemos agora pelo fundo, para depois falar da forma –, não faz uso assim tão copioso da apoiopese, isso lá é verdade: mas seu centro, seu núcleo, o que sustenta o andaime silogístico (e por isso camoniano) de sua estrutura é um judicioso “como se” (verso 11) a modalizar o andamento de uma longa e tortuosa sentença que começa no verso 5 e acaba no 14, e na qual se assevera (ou se sugere...) a existência de um outro eu, sempre igual a si mesmo, que, habitando a ruína do presente... *como se ruína não fosse* (seja-me lícito supor e completar), sentisse nela a presença do eterno e, paradoxalmente, sem esquecer que de ruína se trata, fosse tomado pelo extremo e insuportável desconso de ter vivido uma plenitude que sabe irremediavelmente perdida: “Dizer de tudo fica um pouco é dizer nada” (verso 1). É paradoxo, mas paradoxo delicioso, como já disse alguém: e por isso o “como se” é tão importante e essencial: porque o torna, a ele paradoxo, crível e aceitável e, na ficção do poema, nada menos que necessário: “a inelutável sensação de Queda” (verso 14). E aqui o argumento deste livro literalmente se fecha – “como lavar as mãos de volta de um enterro” (verso 6) –, porquanto se volta, quem sabe, justamente no último poema, do enterro aludido no primeiro, e se amalgamam também, no fim de tudo, as facetas reflexiva e memorialística desta poesia. No que respeita à forma, a bem-vinda intercalação de decassílabos com dodecassílabos acentuados nas sílabas pares harmoniza muito

bem com os poemas anteriores, confirmando a mestria rítmica deste poeta tão singular.

Finalmente, uma última palavrinha sobre o seguinte: a morte, os mortos. Não há grupo mais excluído do que os mortos – não há minoria tão excluída quanto eles. E, como corolário, o sentido da vida, o porquê de tudo, afinal. Que são os grandes temas, as grandes questões da poesia (e dos homens) de ontem, de hoje e de sempre. E que Cláudio Neves enfrenta com seu verso muito pessoal, sua dicção inconfundível, inscrevendo seu nome na seleta galeria dos poetas reflexivos que não esqueceram o dia a dia, como Pessoa e Drummond. Leia este livro e descubra como e por quê.